

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**KRÍSCIA LORENA SILVA OLIVEIRA**

**MEMORIAL ACADÊMICO: Os desafios da alfabetização em tempo de pandemia**

**UBERLÂNDIA**

**2021**

KRÍSCIA LORENA SILVA OLIVEIRA

**MEMORIAL ACADÊMICO:** Os desafios da alfabetização em tempo de pandemia

Trabalho apresentado ao Curso de  
Pedagogia a Distância da FACED/UFU  
como exigência parcial para obtenção do  
título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irene  
Miranda

UBERLÂNDIA

2021

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios da alfabetização durante a pandemia. Para tanto foram consideradas práticas pedagógicas embasadas, principalmente, no construtivismo, que oferece uma concepção ativa de criança mediante o processo de ensino, considerando a subjetividade do aluno na construção do conhecimento, descentralizando a figura do professor. Nesse sentido, uma das grandes pensadoras responsáveis pela mudança de paradigma na alfabetização foi Emília Ferreiro, que a partir da teoria de Piaget explica as hipóteses do alfabetizando para compreender o sistema de escrita. O presente trabalho aborda as consequências da pandemia, que afastou os alunos do espaço físico da escola, e colocou a necessidade de repensar as práticas e metodologias de ensino para alcançar as crianças e fazer a escola presente mesmo à distância, tentando amenizar os efeitos negativos da quarentena através do diálogo e de uma prática pedagógica coerente.

Palavras-Chave: alfabetização; pandemia; professor; aluno.

## Sumário

SEÇÃO I.....	6
1- Introdução.....	6
2- Minha trajetória até o curso de Pedagogia.....	7
SEÇÃO II .....	11
1 - DIALOGANDO COM OS TEÓRICOS SOBRE O TEMA EM ESTUDO .....	11
1.1- Concepções sobre a Alfabetização nos diferentes momentos históricos.....	11
1º momento: .....	13
2º momento: .....	15
3º momento: .....	17
4º Momento .....	19
1.2 - O processo de alfabetização .....	20
1.3 - Dificuldades da alfabetização no contexto da pandemia.....	23
Considerações Finais .....	27
Referências .....	29



## SEÇÃO I

### 1- Introdução

Essa produção consiste do trabalho de conclusão do curso (TCC) de pedagogia à distância e foi elaborado a partir do diálogo entre as áreas do conhecimento, do movimento reflexivo acerca das disciplinas cursadas e do aprendizado construído no decorrer do curso.

O Trabalho de Conclusão de Curso é um momento importante para a formação acadêmica e funciona como um meio para que os novos profissionais formados possam sistematizar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. O aluno escolhe um tema e o aprofunda com um estudo mais dedicado e refinado. O ideal é aliar temas de interesse pessoal a assuntos relevantes para o momento histórico. Assim, o novo profissional pode, já no TCC, indicar suas áreas de interesse e seus conhecimentos.

Com o TCC, o aluno também demonstra sua capacidade de pesquisar, analisar, comparar e conectar temas, resultando em proposições e respostas a problemas por ele formulados. Os trabalhos de conclusão servem como porta de entrada para a carreira acadêmica, para quem quer seguir na área de pesquisa e ensino superior. Mas o TCC também vira cartão de visitas no mercado de trabalho tradicional. E segue como atividade acadêmica obrigatória para quem quer ter uma formação integral, principalmente em cursos de graduação (UNOCHAPECÓ, 2020).

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi estruturado no modelo de *memorial reflexivo*. Segundo Santos (2005), o *Memorial* é uma autobiografia, formada a partir de uma narrativa histórica e reflexiva, que deve ser composta sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, dando conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que um leitor possa ter as informações completas e precisas do itinerário por ele percorrido.

O objetivo desse TCC é possibilitar a reflexão sobre minha formação enquanto egressa do curso de pedagogia à distância e realizar um TCC de natureza acadêmica científica.

O trabalho está organizado em duas seções: a primeira seção individual aborda minha trajetória escolar e profissional; enquanto estudante relato meus passos, de desafios e conquistas para chegar ao final de um curso superior, cujo percurso possibilitou-me uma

melhor compreensão da realidade social e educacional, assim como favoreceu o surgimento de uma nova profissional, que acredita no poder da educação e atua buscando um futuro melhor. Na seção dois juntamente com a colega de curso e dupla Kyara Karolyne Ferreira da Silva, é desenvolvida a temática que ao longo de nossa formação julgamos mais relevante, pois na alfabetização mesmo antes da pandemia já era possível observar as dificuldades das crianças que chegavam aos anos finais do ensino fundamental sem aprender a ler e a escrever. Lembro-me da escola onde fui alfabetizada com muito carinho, pois lá o professor oferecia o seu melhor para ensinar o aluno a ler e escrever, o que fez com que eu tivesse muito gosto pela leitura e pela escola. Portanto, para discussão da temática foi necessário revisitar o referencial teórico que embasou nossos estudos e reflexões.

Por fim, a realização desse trabalho possibilitou-me pensar em como a pandemia influencia e influenciou nas dificuldades de aprendizagens dos milhares de alunos que tiveram seus estudos interrompidos e/ou modificados por conta das circunstâncias, além das implicações destas para futuro destes alunos.

Quero muito oferecer o meu melhor para contribuir com o aprendizado das crianças, principalmente por se tratar de uma época tão significativa e marcante para elas, pois irá influenciá-las para o resto da vida. Acredito que me aprofundar neste tema irá me auxiliar nesta mediação.

## **2- Minha trajetória até o curso de Pedagogia**

Considerando que nesta parte do trabalho apresentarei minha trajetória acadêmica e as experiências formativas que desencadearam a temática do TCC, iniciarei me apresentando.

Sou Kríscia Lorena Silva Oliveira, tenho 36 anos, natural de Ilha Solteira, no estado de São Paulo, cidade onde meus avós maternos e um tio residem até hoje, moro em Uberlândia, Minas Gerais há vinte e seis anos.

Ao recordar minha infância, lembro-me que havia um período que sempre íamos passar as festas de final de ano, junto aos primos e tios. Brincávamos de escravos de Jó, dominó, de desfilarmos em um piso elevado no quintal da minha avó, dançar e ir nadar na represa da cidade, passando o dia todo por lá. O tio que coordenava essas brincadeiras era um dos irmãos da minha mãe, o preferido entre os sobrinhos.

Lembro-me com grande saudosismo do Colégio Anchieta, situado na vila de Nova Ponte, Minas Geraí, uma vila de funcionários de uma empresa onde meu pai trabalhava. Este lugar foi construído para os funcionários que estavam trabalhando na usina hidrelétrica às margens do Rio Araguari, inaugurada em 1994. A vila se tornou cidade e tem 74 anos de história. Em meados de 1993/1994 a cidade foi inundada e foi criada a nova cidade na parte mais alta da região, ao lado de onde é hoje a represa da usina hidrelétrica de Nova Ponte.

Em Nova Ponte estudei o 3º período, a 1ª e 2ª séries, nos anos de 1990 a 1992. Tinha como algumas das professoras Ana Penha e Soraia, que trabalhavam com fichas de leitura, carimbos e selos de incentivo, ditados, interpretação de texto e nos presenteavam com uma guloseima com as sílabas anexadas nelas para nos estimular. Utilizavam livros didáticos, atividades mimeografadas, quadro negro e giz. Havia as apresentações de final de ano, em uma delas apresentei-me com uma roupa de bala e um guarda-chuva de um plástico que se parecia com celofane e em outra como bailarina. Tenho poucas lembranças dessa época, muitas coisas me recordo pelas fotos que temos na casa da minha mãe.

Minha mãe me ajudava nas tarefas de casa, incentivando nas pesquisas nos livros didáticos utilizados pela escola e na biblioteca, e também a ter raciocínio próprio.

O colégio Anchieta me marcou muito, pois nele que fui alfabetizada e apresentada aos livros de histórias infantis, toda semana levava um livro para casa, lendo-o todo no mesmo dia, com expectativa para trocar novamente. Eram livros da editora Ática, com autores como Eliardo França e Mary França.

Esse início de escolarização me influenciou positivamente durante toda a minha vida escolar, sempre gostei de estudar, não dava nenhum trabalho a minha mãe nos estudos. Tudo isso que citei aliado a minha simpatia por crianças, ainda na infância, me fez ir ao encontro à educação infantil.

A primeira experiência e oportunidade que tive como profissional da educação foi em 2010, quando trabalhei na Prefeitura Municipal de Uberlândia, como educadora infantil contratada por dois anos, na época a exigência de escolaridade para ocupar o cargo era somente do ensino médio completo, foi nessa oportunidade que me vi encantada por esse universo de ensino, aprendizagem e cuidados, nesse mesmo período fiz o curso de técnico e massoterapia no Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento Profissional - CETAP, mas não cheguei a exercer a profissão.

No ano de 2015 foi implantado o plano de cargos e carreiras na Prefeitura, que exigia o magistério para ser educadora infantil, então voltei aos estudos na Escola



Estadual Américo René Giannetti para fazer o curso de um ano e seis meses de Magistério. Após a conclusão, fiz novamente o processo seletivo para educadora infantil contratada, reafirmando que era essa a profissão que eu deveria seguir. Fiquei como contratada aproximadamente por 10 anos, até o final do ano de 2020. Todos os anos eram realizados processos seletivos para ocupação do cargo. Tive uma vasta experiência profissional e pessoal nesse período, quando conheci vários colegas de trabalho que me incentivavam e motivavam nessa trajetória.

Em 2017 fui informada por uma colega de trabalho que haveria processo seletivo para ingressar no curso de Pedagogia à distância na Universidade Federal de Uberlândia, fiz a prova e fiquei na lista de espera, fui contemplada na quinta chamada, fiquei imensamente feliz, pois foi a oportunidade de realizar meu sonho de ter uma graduação na profissão que eu escolhi.

Por isso estou no curso de pedagogia, para complementar minha formação e ter uma melhor atuação com as crianças, através de conhecimentos teórico-práticos, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, assim como aconteceu comigo, ou seja, pretendo ser uma referência positiva para os alunos que eu encontrar em minha trajetória.

A caminhada até aqui não foi fácil, devido às outras responsabilidades, como marido, casa, filhos e trabalho, pois administrar tudo ao mesmo tempo foi um desafio, mas com muita perseverança e resiliência venci os desafios. Inicialmente houve as dificuldades de me adaptar ao modo de estudos à distância, através de ferramentas disponibilizadas pela universidade com o uso de internet e computador, tive que solicitar a instalação da internet em casa, pois até então não tinha.

Por meio das matérias cursadas pude ampliar meus conhecimentos através de disciplinas como: Projeto Integrado de Prática Educativa I a IV; Princípio e Métodos de Alfabetização I e II; Princípios e Organização do Trabalho do Pedagogo I ao VI e Didática I ao IV.

De acordo com Ghiraldelli (1991), a pedagogia está ligada à condução do saber, vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, o que ensinar e, também ao quando e para quem ensinar.

Para Pimenta (1998), o estudo sistemático da educação e, conseqüentemente, da prática educativa é denominado pedagogia. Ela tem a função de orientar, aperfeiçoar, determinar os objetivos pedagógicos à práxis.

Por fim, a realização desse memorial me oportunizou voltar e refletir sobre minhas memórias, minhas experiências até a escolha da minha profissão e do curso, o que foi muito importante e emocionante, contudo concluo que estou no caminho certo, pois a educação é algo em constante transformação, assim como os que nela estão, o que me encanta e me fascina a cada dia, a cada novo estudo para o meu crescimento profissional e pessoal.

Em continuidade ao TCC, na seção dois é desenvolvido o referencial teórico acerca da temática em estudo: os desafios da alfabetização em tempo de pandemia.

## SEÇÃO II

### 1 - DIALOGANDO COM OS TEÓRICOS SOBRE O TEMA EM ESTUDO

O objetivo desse trabalho é fazer uma análise sobre o processo de alfabetização e seus desafios no contexto da pandemia do COVID-19. A inesperada ruptura com a rotina que estávamos acostumados gerou uma série de mudanças em nossas relações, sendo uma das principais entre professores, alunos e a escola. Nenhum destes estava preparado para as transformações que ocorreram no mundo e teve que se organizar para construir um planejamento eficaz e produtivo para diminuir os efeitos do distanciamento físico.

Diante disso foi necessário repensar a prática enquanto educadores para não se distanciarem dos alunos, não os deixando carentes de um ensino significativo e de qualidade. Foi fundamental a busca por alternativas coerentes às transformações.

Nesse contexto principalmente a alfabetização, etapa de extrema importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que necessita de acompanhamento contínuo da professora, o distanciamento pode dificultar a aprendizagem de forma efetiva e qualitativa.

Considerando esses aspectos, no primeiro momento o presente trabalho apresenta uma análise das concepções adotadas historicamente nas escolas do Brasil para a alfabetização. Após isso faz uma abordagem de como se dá o processo de alfabetização dos alunos, conforme o pensamento de Emília Ferreiro acerca das hipóteses do desenvolvimento do aluno na aquisição da escrita e da leitura. Por fim, uma análise de como a pandemia afetou a prática pedagógica dos professores alfabetizadores, que tiveram que pensar alternativas para o ensino significativo e de qualidade, pois a alfabetização é um processo social que pode tornar o ser humano agente de transformação do mundo.

#### 1.1- Concepções sobre a Alfabetização nos diferentes momentos históricos

Muitos docentes ainda definem o processo de alfabetização como sendo apenas sinônimo de técnicas e/ou procedimentos de ensino, que podem ser aplicados à todas as realidades, para qualquer aluno, em qualquer escola ou momento histórico; pelo contrário,

o processo de alfabetização requer uma tomada de posição política, histórica, epistemológica, psicológica, pedagógica do profissional da educação; assim como o pleno domínio de um referencial teórico suficientemente sólido para explicar a realidade vivenciada e também a compreensão dos limites e possibilidades desse referencial no contexto em que será aplicado. Além disso, todo método criado é diretamente influenciado pelo seu criador/aplicador de suas convicções e concepções sobre o aluno, a aprendizagem, os materiais e livros didáticos (MORTATTI, 2006).

Desde a implantação do modelo republicano de escola, já se passaram cerca de cem anos e o fracasso na alfabetização foi e ainda é tema amplamente discutido por administradores públicos, legisladores do ensino, intelectuais de diferentes áreas de conhecimento, educadores e professores, em vários e diferentes momentos da história de nosso país. Desta forma, pudemos observar os esforços de mudança em cada momento histórico para tentar superar o modelo de ensino homogêneo e tradicionalista, tido como grande parte do fracasso na alfabetização.

Em Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006, Maria Rosário Longo Mortatti analisa em seu trabalho apresentado que:

Por quase um século, esses esforços se concentraram, sistemática e oficialmente, na questão dos métodos de ensino da leitura e escrita, e muitas foram as disputas entre os que se consideravam portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização e aqueles que continuavam a defender os métodos considerados antigos e tradicionais. A partir das duas últimas décadas, a questão dos métodos passou a ser considerada tradicional, e os antigos e persistentes problemas da alfabetização vêm sendo pensados e praticados predominantemente, no âmbito das políticas públicas, a partir de outros pontos de vista, em especial a compreensão do processo de aprendizagem da criança alfabetizanda, de acordo com a psicogênese da língua escrita. (MORTATTI, 2006, p.3)

Conforme nos foi apresentado na disciplina de Princípios e métodos de alfabetização I, existem tradicionalmente, dois grupos fundamentais de métodos de alfabetização: os sintéticos que partem de elementos menores que a palavra, como fonemas, letras e sílabas; e os analíticos que partem de palavras, sentenças ou contos. Sendo assim,

Na história dos métodos temos dois marcos fundamentais: aqueles métodos que elegem sub-unidades da língua e que focalizam aspectos

relacionados às correspondências fonográficas, ou seja, o eixo da decifração, e os métodos que priorizam a compreensão. Ambos têm como conteúdo o ensino da escrita, mas diferem em pelo menos dois aspectos: a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos; b) quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam (FRADE, 2003: s/p).

A partir dessa organização Mortatti (2006) afirma que existem quatro momentos dos métodos de alfabetização, conforme descritos a seguir.

### **1º momento:**

Método de marcha sintética: As poucas escolas existentes até o final do período do Império brasileiro, não eram subsidiadas pelo governo e o ensino dependia principalmente do esforço e empenho do professor e de seus alunos; conhecido como “aulas régias”, eram ministradas em salas improvisadas e muitas vezes inapropriadas a este fim, recebiam alunos de idades e conhecimentos diversificados, os materiais utilizados para o ensino da leitura também eram muito precários, surgindo materiais impressos para o ensino da leitura (sob a forma de livros), apenas a partir da segunda metade do século XIX, eram as chamadas “cartas de ABC” e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos.

Assim, neste período, o ensino da escrita, estava restrito a caligrafia e ortografia, sendo praticado com cópias e ditados e avaliado pelo desenho correto das letras; Já o ensino da leitura, partia-se da “parte” para o “todo”: soletração (método da soletração alfabética), ensinando-se primeiramente o nome das letras e sua correspondência com os sons (método fônico), ou seja, entre oral e escrito; depois, a emissão de sons partindo das sílabas (método da silabação); reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, só aí, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas; chegando por fim, ao ensino de frases isoladas ou agrupadas, sempre dentro de uma ordem crescente de dificuldade.

Segundo Oliveira (2019), um processo que estimula a atividade da escrita, como o silábico ou o fônico, e que exige discriminação visual e auditiva precisa e processamento analítico de unidades menores que a palavra, além de desvinculado de qualquer significação real para o educando transforma-o em mero receptor, anulando sua competência linguística e suas capacidades cognitivas. Esse processo, na verdade, está impedindo a interação do educando com a língua escrita, deixando de lado qualquer consciência metalinguística que já possuía. Crianças que ainda não construíram a escrita

alfabética não conseguem assimilar famílias silábicas, pois ainda não entendem que a vogal modifica o som da sílaba ( $b+a=ba$ ,  $b+e=be$ , etc.), ou que uma sílaba pode possuir mais de um fonema a ser representado. A cada nova família silábica tem que decorar cinco novas sílabas, pois não conseguem transferir, automaticamente, de *ba* para *be*, etc. (OLIVEIRA, 2019)

A partir do início da década de 1880, o “método João de Deus” contido na *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita pelo poeta português João de Deus e publicada em 1876, passou a ser divulgado sistemática e programaticamente principalmente nas províncias de São Paulo e do Espírito Santo, por Antônio da Silva Jardim, ficando conhecido como “método de palavração”, que se baseava em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras. Por essa razão, Silva Jardim considerou esse método como fase científica e definitiva no ensino da leitura e fator de progresso social. Mortatti(2006)diz que:

Esse 1º momento se estende até o início da década de 1890 e nele tem início uma disputa entre os defensores do "método João de Deus" e aqueles que continuavam a defender e utilizar os métodos sintéticos: da soletração, fônico e da silabação. Com essa disputa, funda-se uma nova tradição: o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, ou seja, enfatiza-se o como ensinar metodicamente, relacionado com o que ensinar; o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem linguística (da época). (MORTATTI, 2006, p.6)

Sobre este método, Ferreiro(1994)afirma:

Pode-se pensar que um sistema de representação constituído seja adquirido por novos usuários como se tratasse de uma codificação. Essa é uma convicção subjacente à maior parte das proposições pedagógicas relativas ao ensino da leitura: prepara-se a criança para reconhecer as unidades-letras por meios de exercícios de reconhecimento de unidades-fonéticas e procede-se à fixação da relação das unidades entre si (evitando ao máximo as ditas ‘exceções’ do princípio de biunivocidade entre letras e sons). As questões epistemológicas são, dessa forma, eliminadas; e, no entanto, as maiores dificuldades das crianças são exatamente de natureza epistemológica (FERREIRO, 1994, p.67).

Fica explicito que o método da marcha sintética carecia de uma maior aproximação das necessidades subjetivas de cada criança; pois adotava uma abordagem padronizada na alfabetização, de modo que cada criança deveria se adequar ao método e não o método levar a criança à compreensão do que estava sendo ensinado, ofertando, assim, um ensino mecânico.

## **2º momento:**

O segundo momento ocorre a partir de 1890 quando se implementou a reforma da instrução pública no estado de São Paulo, iniciada com a reorganização da Escola Normal de São Paulo e a criação da Escola-Modelo, onde os normalistas desenvolviam atividades "práticas" e os professores dos grupos escolares (tanto da capital, quanto do interior do estado), deveriam buscar seu modelo de ensino.

Do ponto de vista didático, a base da reforma estava nos novos métodos de ensino, em especial no então novo e revolucionário método analítico, que já estava sendo utilizado para o ensino da leitura na Escola-Modelo; segundo Mortatti(2006):

Diferentemente dos métodos de marcha sintética até então utilizados, o método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança. (MORTATTI, 2006, p.7)

Oliveira (2019) analisa que os processos existentes no método analítico, se dividem em palavração (inicia com o aprendizado da palavra), sentencição (parte de sentenças) e global de contos ou historietas (se inicia com a memorização de histórias ou contos). Partem de unidades de significado, como as palavras, sentenças ou textos, e trabalham sob a perspectiva de realização da análise, ou seja, destacam das unidades linguísticas maiores os elementos menores, como sílabas e letras. Mesmo os processos analíticos, que se preocupam com a coerência e o significado do que vai ser escrito ou lido, caem nesse artificialismo, visto que se restringem a cartilhas e não propiciam um uso social da língua escrita (OLIVEIRA, 2019).

De início, o método analítico defendia que o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas, porém, o método foi sofrendo alterações de acordo com o que seu defensor considerava ser o “todo” (palavra, sentença ou historieta).

No início do século XX, as cartilhas produzidas a fim de alfabetizar, basearam-se programaticamente no método de marcha analítica (processos da palavração e sentencição), buscando se adequar às instruções oficiais, no caso paulista; mas a partir daí uma disputa acirrada foi iniciada entre os que defendiam o ensino da leitura dentro do novo e revolucionário método analítico e os defensores dos tradicionais métodos

sintéticos, em especial o da silabação. Ao mesmo tempo, ocorria uma outra disputa entre os professores paulistas e o fluminense João Köpke, a respeito dos diferentes modos de processuação do método analítico.

No final da década de 1910, o termo “alfabetização” começa a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita; porém as discussões e ênfase dada a respeito de qual método deveria ser utilizado para o ensino inicial da leitura, se estenderam até meados de 1920, sendo que o ensino da escrita continuava de forma latente, por ser entendido apenas como uma questão de caligrafia (vertical ou horizontal) e de tipo de letra a ser usada (manuscrita ou de imprensa, maiúscula ou minúscula), o que demandava especialmente treino, mediante exercícios de cópia e ditado.

Segundo Mortatti (2006), as disputas ocorridas neste 2º momento fundaram outra nova tradição no ensino da leitura envolvendo enfaticamente questões didáticas, ou seja, o como ensinar, a partir da definição das habilidades visuais, auditivas e motoras da criança a quem ensinar; dessa forma, o ensino da leitura e da escrita passa a ser tratado como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem psicológica da criança.

Neste momento surgiram graves críticas aos processos existentes:1º) Tanto no caso dos processos analíticos, quanto nos sintéticos não era permitida a exploração como, por exemplo, a escrita de palavras novas (que ainda não haviam sido aprendidas), não deixando que o aprendiz explorasse e se apropriasse do objeto conceitual que é a língua escrita, pois, caso errasse, segundo a concepção dos métodos, o erro seria fixado.2º) Os métodos tradicionais tinham como consequência de seu uso, a falta de confiança do alfabetizando para buscar seu conhecimento, tornando-se mero receptor das informações transmitidas pelo professor, fazendo com que se recusasse a escrever o que ainda não havia aprendido na escola. Oliveira (2019) diz que:

Esse fato implica que, do ponto de vista escolar, o educando aprende a reproduzir os estímulos apresentados pelo professor, mas, do ponto de vista conceitual, seu desenvolvimento é restrito, pois a aprendizagem foi descontextualizada, centrada em situações artificiais; então, ele não consegue raciocinar e transferir seu conhecimento para os outros contextos, ou seja, generalizar. (OLIVEIRA, 2019, p.18)

Os processos sintéticos têm a leitura como uma espécie de transcrição de unidades sonoras em unidades gráficas e, por isso, consideram essencial para a alfabetização a discriminação perceptiva, tanto visual quanto auditiva, e habilidade motora; já nos



processos da marcha analítica, a escrita é objeto de memorização. Assim, segundo Oliveira (2019):

Se considerarmos escrever como a construção “de uma representação de regras socialmente codificadas” e ler como a reconstrução de “uma realidade linguística, a partir da interpretação dos elementos fornecidos pela representação”, o processo de alfabetização ocorrerá pela compreensão da natureza desse sistema de representação, ou seja, o educando vai reconstruir esse sistema, comparando suas hipóteses sobre a escrita com a escrita convencional, até construir uma representação alfabética. (OLIVEIRA, 2019, p.18)

Oliveira (2019) faz então uma diferenciação entre os métodos sintéticos e o método de marcha analítica, segundo ela:

Em linhas gerais, podemos dizer que os métodos sintéticos: Propõem progressão de unidades menores (letra, fonema, sílaba) para unidades mais complexas (palavra, frase, texto); Privilegiam aspectos de decodificação, análise fonológica, relações entre fonemas (sons) e grafemas (letras). Embora focalizem capacidades essenciais à alfabetização, os métodos sintéticos, se considerados isoladamente, apresentam limitações: não exploram as complexas relações entre fala e escrita (semelhanças e diferenças); descontextualizam a escrita, seus usos e funções sociais, pela ênfase em situações artificiais de treinamento de letras, fonemas ou sílabas.

Quanto aos métodos de marcha analítica, podemos afirmar que: propõem progresso de unidades de sentido mais amplas (palavra, frase, texto) a unidades menores (sílabas e sua decomposição em grafemas e fonemas); privilegiam compreensão de sentidos e aprendizagem ideovisual (reconhecimento global pela silhueta das palavras ou frase). Embora focalizem capacidades essenciais à alfabetização, os métodos analíticos, se considerados isoladamente, apresentam limitações: mantêm rígido controle da sequência do processo e das possibilidades de interação da criança com a escrita; enfatizam a apresentação artificial e repetitiva de palavras, frases e textos curtos, em função da repetição e da memorização. (OLIVEIRA, 2019, p.19)

No entanto, pode-se considerar que ainda há similaridades entre os métodos sintéticos e analíticos, conservando em sua essência um sistema mecânico, sem possibilitar a criança uma compreensão mais abrangente da alfabetização, que desenvolva paralelamente ao ensino da leitura e da escrita, a consciência das relações sociais e culturais da língua.

### **3º momento:**

A partir de 1920, após a "Reforma Sampaio Dória" (que propôs a “autonomia didática”) e das novas urgências políticas e sociais, houve um aumento na resistência por parte dos professores na utilização do método analítico, o que

levou a busca de novas propostas para solucionar os problemas do ensino/aprendizagem iniciais da leitura e da escrita.

As disputas entre os defensores de cada método não cessaram, e os docentes defensores do método analítico continuavam a utilizá-lo e a propagandear sua eficácia, mas agora, buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos (sintéticos e analíticos);

(...)o tom de combate e defesa acirrada que se viu nos momentos anteriores, foi-se diluindo gradativamente, à medida que se acentuava a tendência de relativização da importância do método e, mais restritamente, a preferência, nesse âmbito, pelo método global (de contos); (MORTATTI, 2006, p. 8)

Dessa forma, passou-se a utilizar métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa), que eram considerados mais rápidos e eficientes. Assim, a disseminação, repercussão e institucionalização das então novas e revolucionárias bases psicológicas da alfabetização contidas no livro *Testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita* (1934), escrito por M. B. Lourenço Filho; ajudaram no destaque da tendência de relativização da importância do método. Segundo MORTATTI, nesse livro, o autor apresenta resultados de pesquisas com alunos de 1º grau (atual 1ª série/ano do ensino fundamental), que realizou com o objetivo de buscar soluções para as dificuldades de crianças no aprendizado da leitura e escrita. Propôs, então, as oito provas que compõem os testes ABC, como forma de medir o nível de maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, a fim de classificar os alfabetizandos, visando à organização de classes homogêneas e à racionalização e eficácia da alfabetização.

Foi nesta mesma época que as cartilhas passaram a se basear predominantemente nos métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético e vice-versa), passando também a ser acompanhadas pelos manuais do professor; além de haver o surgimento da ideia e a prática do "período preparatório".

Constituiu-se então, um ecletismo processual e conceitual da alfabetização (aprendizado da leitura e escrita) envolvendo obrigatoriamente uma questão de "medida", subordinando o método de ensino ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas; neste momento, o aprendizado da escrita e da leitura demandava um "período preparatório" que consistia em exercícios de discriminação e coordenação visomotora e auditivo-motora, posição de corpo e membros, dentre outros; desta maneira,

aescrita passou a ser ensinada simultaneamente ao ensino da leitura, mas ainda continuava sendo entendida apenas como uma questão de habilidade caligráfica e ortográfica.

Nesse 3º momento, que se estende até aproximadamente o final da década de 1970, funda-se uma outra nova tradição no ensino da leitura e da escrita: a alfabetização sob medida, de que resulta o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina; as questões de ordem didática, portanto, encontram-se subordinadas às de ordem psicológica. (MORTATTI, 2006, p. 10)

Houve uma evolução entre esse terceiro momento e os dois anteriores, de modo que o estágio em que a criança se encontra passa a ser um critério relevante na alfabetização, não mais vista de modo automático, mas como um ser em desenvolvimento que passa por etapas que devem ser observadas caso se queira um ensino efetivo.

#### **4º Momento**

A partir dos anos 1980, influenciados pelo pensamento de Emília Ferreiro, a escola brasileira começou a adotar uma postura construtivista, negando os métodos tradicionais e o uso de cartilhas na alfabetização (MORTATTI, 2006). Apesar de não ter acontecido uma ruptura instantânea, nem uma adesão completa ao modelo construtivista, os educadores brasileiros começaram a incorporar em sua prática os princípios dessa teoria, apostando numa atitude diferente.

Como um processo recente, os efeitos do construtivismo no sistema educacional brasileiro ainda permanecem e direcionam o planejamento das diretrizes de ensino. Um exemplo disso são os *Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs)*, que possuem em sua proposta um olhar construtivista sobre a avaliação dos alunos (MORTATTI, 2006). Em decorrência desse processo surge o que os pesquisadores chamam de *desmetodização da alfabetização* (decorrente da ênfase em quem aprende e o como aprende a língua escrita - lecto-escritura), gerando discussões acerca da didática utilizada pelo professor no ensino, acreditando de forma ilusória que ela não influencia a aprendizagem do aluno.

Nesse sentido Mortatti (2006) explica que:

Dentre a multiplicidade de problemas que enfrentamos hoje a respeito do ensino inicial da leitura e escrita, as dificuldades decorrentes, em especial, da ausência de uma “didática construtivista” vêm abrindo espaço para a tentativa, por parte de alguns pesquisadores, de apresentar “novas” propostas de alfabetização baseadas em antigos métodos, como os de marcha sintética. Devo, ainda, mencionar, pelo menos, dentre essa multiplicidade de aspectos, as discussões e propostas em torno do letramento, entendido ora como complementar à alfabetização, ora

como diferente desta e mais desejável, ora como excludentes entre si.(MORTATTI, 2006, p. 12)

Pode-se afirmar que a alfabetização não é um processo homogêneo e que mantém um padrão histórico em seu método, mas se adapta e modifica conforme as transformações epistemológicas, culturais e sociais de sua época. Diante disso é importante considerar que o ensino da leitura e da escrita deve procurar se adequar as demandas contemporâneas, tanto no que se refere ao modelo de criança atual, quanto às pesquisas e estudos da área (MORTATTI, 2006).

Atualmente a pandemia de Covid-19 trouxe uma série de desafios que provavelmente mudarão a prática do professor, tornando-se necessário olhar para trás e compreenderas mudanças ocorridas.

A seguir, far-se-á uma análise do atual processo de alfabetização, mostrando como o pensamento de Emília Ferreiro continua sendo influente para uma abordagem mais significativa da alfabetização, possibilitando a criança uma compreensão maior daquilo que está aprendendo.

## **1.2 –O processo de alfabetização**

O ensino da leitura e da escrita acontece de forma mais sistematizada nos primeiros anos do ensino fundamental e tem como objetivo possibilitar a criança a compreensão acerca do sistema de signos e símbolos da nossa língua. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a alfabetização tem como foco “garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2018, p.59).

Assim o processo de alfabetização deve considerar uma série de fatores para que seja efetivo e significativo para os alunos, desenvolvendo concomitante à competência linguística, a consciência do mundo e de si mesmo, emancipando os educandos nessa trajetória. Ou seja, a prática alfabetizadora busca desenvolver a leitura crítica do mundo e tornar o alfabetizando um agente da transformação pelas informações que é capaz de compreender.

Para Freire e Macedo (2011) a alfabetização é uma:

Relação dialética dos seres humanos com o mundo, por um lado, e com a linguagem e com a ação transformadora, por outro. Dentro dessa

perspectiva, a alfabetização não é tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído. Ainda da maior importância, a alfabetização para Freire é, inerentemente, um projeto político no qual homens e mulheres afirmam seu direito e sua responsabilidade não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais, mas também de reconstituir sua relação com a sociedade mais ampla. (FREIRE; MACEDO, 2011, p.31).

Partindo desse pressuposto a alfabetização tem início muito antes de sua formalização no ensino fundamental. Ela se inicia até mesmo antes da educação infantil, através das vivências no contexto social e das práticas de musicalização, brincadeiras e histórias. A partir da exploração das inúmeras formas de expressão linguística a criança vai tomando consciência do amplo mundo de signos e sons que compõem a sua língua. Segundo a BNCC:

As diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar games, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos. (BRASIL, 2018, p. 91)

Assim, é de suma importância que qualquer prática de alfabetização que queira ser bem-sucedida considere o universo subjetivo de cada aluno, pois a sua experiência com a língua e o seu conhecimento de mundo ditará o ritmo com o qual assimilará os conteúdos da alfabetização.

Tomando como fundamento a teoria construtivista piagetiana que considera a criança como agente protagonista na construção do conhecimento, a Psicóloga e pedagoga Emília Ferreiro considera que toda a bagagem do aluno, anterior ao seu contato com a escrita e a leitura, tem papel preponderante na forma da sua aprendizagem.

Segundo Anacleto (2013, p.16):“para que a criança seja capaz de operar com a escrita, ela necessita recriar esse sistema de representação, ou seja, construir internamente uma solução para esse desafio epistemológico”. Nesse processo o aluno passa a fazer uma análise dos elementos constitutivos desse sistema representativo, as semelhanças e diferenças, a relação entre o todo e as partes, e entre identidade e série (ANACLETO, 2013).

O primeiro estágio no processo de alfabetização, segundo Emília Ferreiro, é a relação que a criança estabelece entre escrita e desenho, tomando a escrita como uma espécie de objeto substitutivo ao desenho, como representação das coisas e objetos da

realidade, de forma que ela associa a escrita ainda com o objeto e não a escrita com a linguagem (ANACLETO, 2013). Ou seja, a criança que está nessa fase representa através da escrita um objeto material e não o conteúdo abstrato do pensamento veiculado pela linguagem.

Num segundo momento a criança passa a compreender a escrita como representação do nome do objeto, ou seja, não está vinculado a uma ideia da coisa, mas com a sua identificação. Assim sendo, a criança ainda tem dificuldade de relacionar a escrita sem uma imagem definida do objeto, é necessário que a palavra esteja vinculada a uma figura. Para Anacleto(2013, p.18) isso se deve porque o raciocínio da criança segue a lógica do desenho, “segundo a qual a representação de objetos é o que sustenta a mensagem”. Apegadas à relação icônica da escrita as crianças ainda não compreendem que a linguagem representa muito mais do que apenas o nome das coisas, de modo que a colocação de verbos, artigos e pronomes na escrita lhe parecem confusas (ANACLETO, 2013).

Na próxima etapa a criança começa a se atentar para as propriedades gráficas da escrita, sem ainda compreender a relação fonológica entre as letras. A criança intui que há uma ordem e sistemas específicos que garantem a estrutura de uma palavra e que devem necessariamente ser seguidos para que haja sentido. Aqui se inicia a primeira relação que a criança estabelece entre escrita e linguagem, e não mais entre escrita e objeto (ANACLETO, 2013).

O próximo estágio é um marco importante na aquisição da escrita, pois a criança passa a compreender que a escrita pode ter um valor sonoro. A partir disso apresentam-se duas hipóteses propostas por Ferreiro: a hipótese silábica, onde a criança utiliza cada letra como representando uma sílaba. A outra hipótese é a alfabética onde as crianças compreendem que “os caracteres da escrita correspondem a valores sonoros menores que a sílaba” (ANACLETO, 2013,p.19).

Em face disso é necessário que o professor tenha entendimento dessas etapas que a criança percorre até estar alfabetizada e proponha atividades de acordo com o seu tempo e conhecimentos prévios.Segundo a BNCC:

Alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo,

conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. Ocorre que essas relações não são tão simples quanto as cartilhas ou livros de alfabetização fazem parecer. Não há uma regularidade nessas relações e elas são construídas por convenção. Não há, como diria Saussure, “motivação” nessas relações, ou seja, diferente dos desenhos, as letras da escrita não representam propriedades concretas desses sons. (BRASIL, 2018, p.92)

Para Ferreiro (1996), a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Logo a alfabetização depende de uma série de fatores para que seja significativa e efetiva, levando o educando a tomar consciência da importância e do uso da linguagem no dia a dia, como uma atividade essencial no processo social e humano. Mais do que ensinar a decodificar os signos da língua, é necessário ensinar a interpretar e compreender os significados.

Diante disso, com a pandemia de Covid-19 a alfabetização se tornou um desafio e uma necessidade ainda maior. Se antes o ensino já carecia de alguns suportes, com o distanciamento aumentaram as dificuldades que o professor se defronta. E as crianças ausentes da escola e da imersão que ela proporciona na vida social e cultural, precisam do ensino e da interação para que se desenvolvam de forma significativa e não fiquem sem orientação educacional. Assim, a seguir serão abordados os impactos que a pandemia trouxe na vida das crianças e professores e como ambos podem trabalhar para conjuntamente superar esses problemas contemporâneos.

### **1.3 - Dificuldades da alfabetização no contexto da pandemia**

Um dos grandes desafios da atualidade tem sido o ensino remoto através do uso de tecnologias. Com a pandemia de Covid-19 os professores tiveram que repensar as suas

práticas para que a educação chegasse até as crianças e cumprisse as expectativas quanto as suas etapas de aprendizagem.

No entanto, como é um processo novo, muitos entraves apareceram e ainda aparecem nessa caminhada. A falta de recurso tanto das escolas quanto dos alunos, a falta de envolvimento e engajamento, a indisponibilidade de alguns pais para ajudarem são exemplos dessas dificuldades.

Quando somadas, todas essas barreiras interferem na aprendizagem do aluno que já tinha que lidar com uma série de outros fatores inerentes nesse processo, como a situação precária das escolas públicas, principalmente as da periferia, a dificuldade de se manter na escola devido à falta de incentivo ou a necessidade de ajudar em casa para complementar a renda, etc. Dessa forma, cabe ao professor ter muito mais sensibilidade, engajamento e disciplina para tornar o ensino mais significativo, indo muito além das práticas conservadoras e trabalhando com conteúdos interativos para despertar o interesse e a atenção das crianças para o conhecimento. Segundo Temóteo (2021):

As dificuldades e incertezas que se instauraram nas instituições de ensino, a partir da decretação da pandemia, requereram urgência na solução dos conflitos, poder de decisão, redimensionamento de práticas e a construção de um novo fazer pedagógico. (TEMÓTEO 2021, p.74)

Ao falarmos de alfabetização tudo se torna ainda mais complicado, visto que as crianças ficam em casa à mercê dos dispositivos eletrônicos que pouco exploram as capacidades linguísticas. A falta de contato com textos e imagens textuais distancia as crianças da realidade da alfabetização e dificultam a compreensão do funcionamento do sistema de escrita.

Sem um espaço adequado e um acompanhamento constante do professor para orientar e avaliar o progresso da criança, tudo se torna muito incerto. Soares (2020) afirma que:

Diagnosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças tem, para a ação educativa de alfabetizar em situação escolar, objetivos pedagógicos: a partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar de um nível ao seguinte, atuando, nas palavras de Vygotsky, sobre sua zona de desenvolvimento potencial. [...] (SOARES, 2020, p. 57)

Diante disso cabem alguns questionamentos que precisam ser explorados a fim de encontrar uma solução: *como o professor pode trabalhar a alfabetização de forma remota? Existem métodos e estratégias mais eficientes nesse contexto?*



Como uma situação recente e que surpreendeu o mundo inteiro, as primeiras reações à pandemia de Covid-19 foram guiadas pelo imprevisto e pela necessidade de não deixar as crianças desassistidas, já que o distanciamento não possuía uma data determinada para acabar. Assim, nos primeiros momentos foram passadas algumas atividades e exercícios para serem feitos remotamente com o auxílio dos pais. Mas logo se compreendeu que a falta da escola ia muito além de um espaço adequado para o ensino; passava pela necessidade de socialização das crianças, pela contextualização do ensino e pela imersão que o ambiente escolar proporciona, coisas que a casa de cada aluno não permite, tanto pela falta de disciplina quanto ao ensino, quanto pela falta de conhecimentos didáticos dos pais para auxiliarem seus filhos nas tarefas, como afirmam Frigoet al (2020):

As atividades propostas pelo professor são importantes, mas não por si mesmas, uma vez que o essencial de todo ensino perpassa as relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos de aprendizagem. Isso porque, afirma o autor (ZABALA, 2010), as relações entre professor e alunos, e destes entre si, afetam o nível de comunicação e os vínculos afetivos que se estabelecem em aula, aspecto que favorece a aprendizagem a depender de um determinado clima de convivência.

Para que o aluno possa aprender, é preciso, pois, que o professor considere suas necessidades, conte com suas contribuições e conhecimentos, auxilie-o a encontrar sentido no que faz, proponha desafios alcançáveis, ofereça-lhe ajudas adequadas, potencialize sua autonomia e valorize sua capacidade e esforço; igualmente, em suas propostas de trabalho, cabe ao docente promover a atividade mental auto estruturante, a autoestima e a autoimagem positiva dos alunos, viabilizar canais de comunicação efetivos e incentivar a auto avaliação, de modo que possam regular seus processos de aprendizagem. (FRIGO ET AL, 2020, p. 110)

O professor e a escola logo compreenderam que sem o auxílio e engajamento dos pais grande parte do ano letivo seria perdido e o desenvolvimento das crianças ficaria aquém do esperado. Para suprir isso, muitas escolas e professores apostaram na interação através de grupos de *WhatsApp*, permitindo uma aproximação maior e uma resposta mais rápidas aos questionamentos e dúvidas. Os pais passaram a ser mediadores entre o professor e o aluno, sendo responsável pela orientação e planejamento do tempo de execução das atividades. No entanto, disso decorre uma série de problemas, como a falta de tempo dos pais e do conhecimento em relação ao processo de aprendizagem, o qual demanda tempo e paciência, pois não ocorre imediatamente, mas paulatinamente ao longo de uma prática significativamente planejada. Por outro lado, não é função dos pais ministrar aulas, uma vez que não têm formação específica para exercício da docência.

Diante da dificuldade dos pais em estabelecer a mediação entre a escola e seus filhos, propôs-se aulas on-line através de aplicativos que permitissem a participação de todos os alunos coordenados pelo professor. Novos desafios surgiram, como a falta de domínio da tecnologia por grande parte dos professores e a pouca disciplina e paciência por parte dos pais e alunos para acompanhar as aulas. Assim, diante de todos esses problemas levantados, volta-se a pergunta feita anteriormente: como o professor pode trabalhar a alfabetização remotamente em face de tantos obstáculos? É de suma importância que o professor saiba evocar os princípios que Paulo Freire (1997) afirma em *Professor sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar*:

Um dos erros mais funestos que podemos cometer, enquanto estudamos, como alunos ou professores, é recuar em face do primeiro obstáculo com que nos defrontamos. É o de não assumirmos a responsabilidade que a tarefa de estudar nos impõe, como, de resto, qualquer tarefa o faz a quem a deve cumprir.

Estudar é um que-fazer exigente em cujo processo se dá uma sucessão de dor, de prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegria. Mas estudar, por isso mesmo, implica a formação de uma disciplina rigorosa que forjamos em nós mesmos, em nosso corpo consciente. Não pode esta disciplina ser doada ou imposta a nós por ninguém sem que isto signifique desconhecer a importância do papel do educador em sua criação. De qualquer maneira, ou somos sujeitos dela ou ela vira pura justaposição a nós. Ou aderimos ao estudo como deleite, ou o assumimos como necessidade e prazer ou o estudo é puro fardo e, como tal, o abandonamos na primeira esquina. (FREIRE, 1997, p. 28)

De fato, toda essa situação não tem se mostrado fácil aos professores e alunos, exigindo muito mais do que estavam acostumados. E se o que se objetiva é realizar de forma concreta aquilo que se espera da criança na série em que ela está, o trabalho e o envolvimento agora devem ser muito maiores, principalmente do professor, que sabe da importância da alfabetização das crianças, sobretudo daquelas que vivem em situações mais precárias. A educação nesses tempos de pandemia passa a ser uma urgência muito mais social do que epistemológica, visto que determinará de forma pungente o destino daqueles que tiverem um estímulo melhor.

Assim, tomando os princípios de Paulo Freire como fundamento do agir o educador que pretende êxito em sua prática, deve investir em outras metodologias e ferramentas, como o uso de jogos e vídeos interativos com as crianças. Um recurso importantíssimo para aprendizagem tem sido as reuniões virtuais, onde os alunos podem interagir com seus colegas e professores, se envolvendo por meio das atividades, e assim passar a se interessar mais pela escrita e leitura.

Nas aulas virtuais, antes de apelar para uma proposta imediatista de ensino das letras sem que haja uma localização da necessidade de aprender, o professor pode ler histórias e representá-las de forma lúdica para que a criança se envolva com o sistema de linguagem e seu universo simbólico (ANACLETO, 2013). Privilegiando a abordagem construtivista, orientando a criança a formar suas próprias concepções acerca de sua relação com a escrita, o professor trabalha a alfabetização explorando recursos gráficos que despertem a atenção e o interesse das crianças, e ainda revela como a linguagem está relacionada ao seu contexto social e cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A alfabetização é um processo que foi e continua sendo aperfeiçoado historicamente, buscando uma abordagem cada vez mais significativa e efetiva para os

aprendentes da língua escrita, levando-os a compreensão não apenas da leitura e da escrita, mas da linguagem e da língua como algo que nos constitui socialmente.

Muitas das práticas aplicadas no passado já não são pertinentes à atuação do professor contemporâneo, que precisa ter conhecimento da evolução teórica para compreender como planejar sua prática. Não só a escola não é mais a mesma, também a organização social e cultural dos alunos já não é mais a mesma, de modo que o ensino precisa incorporar e dialogar com as transformações se pretende ser significativo.

O grande desenvolvimento tecnológico e intelectual que ocorreu nos últimos vinte anos trouxe a necessidade da educação se apropriar das ferramentas das tecnologias de informação para atualizar o ensino e corresponder às expectativas dos novos alunos. Com o surgimento da pandemia de Covid-19 as mudanças e a necessidade de adaptação foram muito mais aceleradas, reduzindo o tempo para planejamentos e utilizações das informações e recursos digitais.

Cabe às pesquisas futuras explorar e analisar com afinco as possibilidades e planejar o futuro no qual a educação seja capaz de não só alfabetizar as crianças para a leitura das palavras, mas para a leitura do mundo, compreendendo a importância de conhecer e dominar a tecnologia a favor do conhecimento. O uso da tecnologia tornou-se inevitável, bem como a crítica sobre a utilização consciente desses recursos para auxiliar de forma construtiva a produção do saber. As crianças de hoje requerem novas abordagens, as quais a tecnologia pode ajudar a proporcionar. Os recursos disponíveis, visuais, auditivos e interativos são enormes, enriquecendo muito o trabalho pedagógico. O professor que pretende desenvolver com maestria seu trabalho e que tem consciência da sua responsabilidade deve estar disposto às novidades, a pesquisa constante, não se resignando. Paulo Freire (2011), nesse sentido, afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, s/p).

É preciso pensar cada vez mais nos desafios gerados pelo distanciamento físico, como o ensino remoto. Tem que se considerar a possibilidade eminente de novas necessidades de quarentena, planejando como a escola pode diminuir os impactos da ausência física e se fazer presente na casa dos seus alunos. A alfabetização deve ser vista como uma prática diária, sendo estimulada pelos pais em suas conversas e brincadeiras

com os filhos, tornando o ensino lúdico e significativo pela afetividade que ele invoca. A escola é um espaço de conhecimento, mas que não pode fazer seu trabalho sozinha, precisa de auxílio e manutenção, comprometimento da comunidade para que possa formar e transformar seus educandos. A pandemia evidenciou essa verdade, de forma que se não houver um esforço conjunto o futuro das nossas crianças pode estar comprometido.

Apesar da Pandemia ainda ser um evento contemporâneo do qual ainda não se tem a real dimensão das consequências, carecendo de pesquisas e investigações em todas as áreas, a academia deve se organizar para refletir os acontecimentos, guiando os profissionais na superação dos desafios.

Para finalizar é importante registrar que a realização desse trabalho foi dificultada pela escassez de publicações referentes ao tema, e pela realidade do ensino remoto, ainda pouco compreendida. No entanto, mesmo com a falta de referências bibliográficas sobre o tema, pudemos contar com as reflexões de pensadores, que contribuem para o entendimento da realidade educacional, pois a pensam a partir daqueles que a constroem.

Neste sentido, nosso trabalho revelou como o ensino precisa se adequar as transformações inerentes ao momento vivido e que se nos detivermos ao pensamento daqueles que veem a educação como um processo permanente e contínuo, estaremos sempre preparados para os desafios da vida.

## REFERÊNCIAS

ANACLETO, Julia Maria Borges. **O papel do outro na aquisição da escrita pela criança: o construtivismo na alfabetização e a psicanálise**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Usp, São Paulo, 2013. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-131822/publico/JULIA\\_MARIA\\_BORGES\\_ANACLETO.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-131822/publico/JULIA_MARIA_BORGES_ANACLETO.pdf). Acesso em: 03 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) acesso em: 03 set. 2021

CHIARA, Ivone Guerreiro Di. et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização**. 23 ed. São Paulo, Cortez, 1994.

FRADE, Isabel C.A.S. Alfabetização hoje: onde estão os métodos? **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 9, n. 50, mar/abr. 2003.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira.

\_\_\_\_\_. **Professore Sim, Tia Não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGO, Andrea Beatriz Gonzalez; COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. **Práticas de escrita em contextos de alfabetização: caminhos e descaminhos**. 2020. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-03122020-144629> acesso em: 15 set. 2021

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **O que é Pedagogia**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. SEB/MEC. Brasília, 2006. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf) Acesso: 01/09/2021.

OLIVEIRA, Marília Villela de. **Princípios e Métodos de Alfabetização I. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB**. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2019. 53p.

PIMENTA, Selma Garrido. – **Pedagogia, ciência da educação?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, Gildenir Carolino. **ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE MEMORIAL**. 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12078104-Roteiro-para-elaboracao-de-memorial-compilado-por-gildenir-carolino-santos.html>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SOARES, Magda. Desenvolvimento e aprendizagem na apropriação do sistema de escrita alfabética. In: **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. Cap. 2, p. 51-59.

TEMÓTEO, Antônia Sueli S. **A constituição de letramentos, durante a pandemia:** desafios para professores e alunos. In: Multiletramentos na pandemia atividades na, para a e além da escola. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/multiletramentosnapandemia/index.html>. Acesso em 03 de set. de 2021.

UNOCHAPECÓ (São Lourenço) (ed.). **Trabalho de Conclusão de Curso:** entenda a importância do tcc para o aprendizado e a vida profissional. ENTENDA A IMPORTÂNCIA DO TCC PARA O APRENDIZADO E A VIDA PROFISSIONAL. 2020. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/blog/entenda-a-importancia-do-tcc-para-o-aprendizado-e-a-vida-profissional>. Acesso em: 21 ago. 2021.